

Por um novo horizonte

Em 1982, 12 mil pessoas se reuniram em Caxias em busca de um mundo melhor. Hoje, o **Cio da Terra ainda é cultuado** por quem viveu aqueles três dias de festa

Paula Valduga

Teve até quem brigou com os pais ou saiu de casa fugido para não faltar. Há 25 anos, o imperdível encontro em Caxias do Sul tinha nome inspirado em uma música de Milton Nascimento e incluía debates sobre vários temas, além de shows. Embora os organizadores discordem, o Cio da Terra é definido pela maioria dos caxienses como um miniWoodstock. Um momento de liberdade em pleno final de ditadura militar, o encontro reuniu mais de 12 mil jovens nos Pavilhões da Festa da Uva. E teve tudo o que grandes festivais de juventude do passado tiveram: chuva, drogas, deficiências de infra-estrutura e espírito de paz e amor. Talvez por causa dessa última característica seja lembrado até hoje como um marco na vida das pessoas que viveram aqueles três dias de festa.

– O Cio da Terra até hoje entusiasma quem esteve lá. Há coisas na vida que são marcantes, por isso estamos comemorando os 25 anos – justifica o dono do Bar Zarabata e um dos organizadores de uma exposição e um show temáticos sobre o evento na próxima quarta-feira, Jerônimo Ferrigo, 45 anos.

Em fotos e vídeo, ele pretende mostrar às pessoas um pouco do que aconteceu nos dias 29, 30 e 31 de outubro de 1982. Numa primavera chuvosa, a diretoria da União Estadual dos Estudantes (UEE), eleita no ano anterior, cumpria uma promessa de campanha. Se-

gundo o ex-prefeito Gilberto Pepe Vargas (PT), um dos idealizadores, a idéia era fazer um grande encontro da juventude, com debates, oficinas e shows. Deu mais do que certo. Conforme participantes, a adesão foi muito maior do que o previsto. E os problemas de infra-estrutura também.

– Não sei se eles pensaram em como e onde as pessoas iam tomar banho, porque não tinha lugar para isso. Mas na frente dos Pavilhões tinha uma chácara com um rio e uma cascata, então as pessoas invadiram e tomavam banho lá. Mas não foi uma invasão de derrubar cerca, eles pediram autorização – conta a jornalista Vera Mari Damian, 47.

Mas havia também quem não estava nem um pouco preocupado com isso, dispensando o banho naqueles três dias. E era a maioria do público. Gente que também não dava atenção ao sono. Para ficar acordada, a gurizada apelava para o chimarrão.

– A erva-mate era a erva mais consumida no Cio da Terra, ao contrário do que se pregava na imprensa, principalmente no rádio. Mas é claro que tinha drogas, havia até distribuição de Colomy (*papel especial para embalar fumo, muito usado para cigarros de maconha*) – revela o publicitário Alvaro Garcia, 44, que ficou os três dias acampado nos Pavilhões e hoje organiza a exposição comemorativa junto com Ferrigo.

– Tinha droga como em qualquer outra festa da época – completa Pepe.



Sem infra-estrutura, jovens improvisavam no acampamento

O Woodstock

Foi um festival de música realizado nos dias 15, 16 e 17 de agosto de 1969, em uma fazenda em Bethel, Nova York. Reuniu 450 mil pessoas num espaço originalmente montado para receber 50 mil. Foi o auge da era hippie e um marco da contracultura. Promoveu uma grande polêmica pelos propósitos levantados: os ideais de paz e amor, defendendo o sexo livre e condenando a Guerra do Vietnã.

Participaram nomes como Santana, Janis Joplin, The Who, Joe Cocker e Jimi Hendrix, entre outros. As drogas eram consumidas abertamente. Nenhum incidente sério relacionado à violência foi registrado. O festival ocorreu numa área de 240 hectares alugada por um camponês por US\$ 50 mil. Treze helicópteros foram alugados para levar água, alimentos e remédios, mas não conseguiram atender a todos.

fonte: Centro de Pesquisa e Documentação JB: a memória viva da história do jornalismo brasileiro

Capa

Hino

Na primavera serrana, a fogueira era obrigatória durante a noite. E estava sempre acompanhada por um instrumento musical. O público ficava sentado na grama vendo os shows ou fazendo um som, mesmo que a chuva apertasse.

– A música *Pavão Misteriozo*, do Ednardo (cantor do Ceará), que tocou no festival, era o hino do Cio da Terra. Todo mundo cantava – relata o historiador Juventino Dal Bó.

Ele acrescenta que havia ainda performances de pessoas que andavam sem roupa ou fantasias, copiando a atitude de outros festivais que haviam visto na televisão. Apesar dessa transgressão, nenhum incidente grave foi registrado. Um policial que atuou na época e prefere não ser identificado afirma não lembrar de qualquer ocorrência séria. Segundo ele, o que se via era muita gente sem roupa.

– O máximo que você via era alguém que havia bebido demais. Ninguém brigava ou roubava. Deixávamos a barraca aberta e, ao voltar, o pior que podia acontecer era ter alguém dormindo dentro, mas aí a gente dava um “sacudão” e a pessoa saía resmungando – descreve Garcia.

A alimentação também não era problema, apesar do número de pessoas ser superior ao previsto pelos organizadores. Os jovens levavam comida de casa ou compravam sanduíche natural numa tenda armada no local. Havia outra barraca vendendo vinho, que fazia o maior sucesso. O restante ficava a cargo do improvisado, e a rotina do acampamento seguia. Durante o dia havia oficinas e apresentações de teatro, cinema e música, além de debates.

– Discuti-se drogas, política, ecologia. O Cio da Terra está muito mais para Fórum Social

Mundial do que para Woodstock. Tinha shows, mas era primeiro um palco de debates – enfatiza Pepe.

A palestra mais concorrida, segundo Garcia, foi a que tratava da descriminalização da maconha. E tinha até slogan: “Anistia à Maria” (alusão ao apelido espanhol da maconha, *marijuana*). O jornalista e escritor Eduardo Bueno, o Peninha, 49, foi um dos palestrantes. Falou sobre a história da erva e sobre os motivos que o levavam a ser contra o fato de o consumo de maconha ser considerado crime, opinião que mantém até hoje.

Eletrizado pelo clima do Cio da Terra, que compara ao de Woodstock, o escritor veio a Caxias com o plano de palestrar e voltar. Mas não conseguiu:

– Acabou rolando uma barraquinha pra mim. Foi um evento mágico. Na palestra, uma hora uma pessoa do público levantou um baseado enorme, aceso, e disse: “vamos sair da teoria e passar logo para a prática”.

Mas as recordações do Cio, para Peninha, não são apenas boas. Ele volta um pouco no tempo para explicar as más lembranças. Em 1978, fez uma viagem de carona de Nova York a Porto Alegre e registrou tudo num diário. Em 1980, foi morar no Rio de Janeiro e acabou perdendo as anotações.

– Chorei, dei com a cabeça na parede e me conformei, estava perdido. Três anos depois, o diário foi encontrado embaixo do estepe do carro de um amigo meu. Ele me mandou. Aí eu saí de Porto Alegre para ir ao Cio da Terra, lendo o diário, mas ele caiu no ônibus e eu o perdi de novo – lamenta o escritor.

A viagem de carona foi feita por influência do romance *On the Road*, de Jack Kerouac, que Peninha acabou traduzindo para o português. Quando participou do Cio da Terra, estava fazendo a revisão da tradução, entregue à editora pouco mais de um ano depois.

O Fórum Social Mundial

O Fórum Social Mundial (FSM) é um espaço de debate democrático de idéias, formulação de propostas, troca de experiências e articulação de movimentos que se opõem ao neoliberalismo e ao domínio do mundo pelo capital e por qualquer forma de imperialismo. Após o primeiro encontro, realizado em 2001, se configurou como um processo permanente de busca e construção de alternativas às políticas neoliberais e para a construção de um novo mundo. As edições, de 2001 a 2007, foram realizadas em diversas

cidades. Porto Alegre sediou quatro delas (2001, 2002, 2003, 2005) e Mumbai, na Índia, foi a sede em 2004. Já em 2006, o evento foi policêntrico, ocorrendo em três lugares: Bamaki, na África, Caracas, na Venezuela, e Karachi, no Paquistão. Este ano, o Fórum foi realizado em Nairóbi, no Quênia, e a previsão para o ano que vem é de que não haja um evento centralizado. O que vai ocorrer é uma semana de mobilização e ação global, marcada por um dia de visibilidade mundial em 26 de janeiro de 2008.

fonte: www.forumsocialmundial.org.br



O cantor Ednardo também subiu ao palco do encontro

Grande público e problemas de estrutura surpreenderam a organização

Música

O bate-papo sobre música também teve a participação de uma pessoa reconhecida hoje no ambiente cultural: Vitor Ramiel. No cartaz do encontro, há versos dele: “Planta noite e dia, dentro do teu peito, irmão, todas as verdades, que esse é o nosso jeito de vencer”, trecho da faixa *Noite e Dia*, que integra seu primeiro disco, *Estrela, Estrela*, lançado em 1981.

– É incrível, não lembrava disso. Aliás, vim pro Cio só para um debate sobre música que tinha a participação do Fernando Brant. Eu era um guri de 19 anos, tímido e retraído. Não aproveitei nada, mas lembro que havia um frisson muito grande – conta Vitor.

Mas a música não ficou apenas nos debates. Quando o sol se escondia, começavam os shows, que espalhavam ecos madrugada adentro. Naquelas noites frias, ouviu-se as vozes de Bebeto Alves, Nelson Coelho de Castro, do nordestino Ednardo e do caxiense Nei Lisboa, entre outros. Nei cita o Cio da Terra como um momento inesquecível. Ele estava em começo de carreira. Seu primeiro disco, *Pra Viajar no Cosmos não Precisa Gasolina*, seria lançado no ano seguinte de forma independente, mas algumas músicas já tocavam no rádio.

O símbolo

A música *Pavão Misteriozo*, do cantor cearense Ednardo, que tocou no festival, se tornou símbolo do Cio da Terra. Confira a letra:

Pavão Misteriozo

*Pavão misteriozo,
pássaro formoso, tudo é
mistério nesse seu voar
Ah, se eu corresse
assim, tantos céus assim
Muita história eu tinha
pra contar
Pavão misteriozo nessa
cauda aberta em leque
Me guarda moleque de
eterno brincar
Me poupa do vexame de
morrer tão moço
Muita coisa ainda quero
olhar...*

*Pavão misterioso, meu
pássaro formoso
No escuro dessa noite
me ajuda cantar
Derrama essas faíscas,
despeja esse trovão
Desmancha isso tudo
que não é certo não*

*Pavão misteriozo,
pássaro formoso
Um conde raivoso não
tarda a chegar
Não temas minha
donzela, nossa sorte
nessa guerra
Eles são muitos mas não
podem voar...*



Área dos pavilhões foi tomada pelas barracas dos participantes



Chegada dos jovens assustou população local

– Cheguei com uma banda para tocar no primeiro dia. Na terceira música, o céu desabou e a lona sobre o palco também. Fiquei eu e o violão embaixo da lona e quando me dei conta, a platéia e a banda tinham desaparecido – diverte-se Nei.

O grupo só ficou no primeiro dia, porque tinha shows com outros artistas para fazer. Já Nei decidiu permanecer para curtir o Cio. Acabou tocando no dia seguinte, mas aí sozinho, ao violão. As lembranças do festival são boas. Para ele, a infra-estrutura estava excelente.

– Lembro do Cio mais pelo profissionalismo de como foi feito, a estrutura de produção, de palco e de equipamentos. Foi a primeira vez que eu toquei num evento com aquela estrutura, foi uma situação inédita – recorda o músico.

Para bancar essa estrutura, a organização do Cio da Terra cobrava ingresso para entrar nos Pavilhões. No entanto, muitas pessoas acabavam pulando a cerca. Algumas, às vezes, acabavam sendo flagradas por alguém da organização, mas nada que uma boa negociação não resolvesse. Uma empresa de segurança chegou a ser contratada para evitar a entrada sem ingresso, mas um dia antes do encontro os funcionários entraram em greve. Foi montado, então, um esquema com voluntários, que não funcionou. No público, havia gente de várias cidades do Estado, principalmente da Região Metropolitana

de Porto Alegre, e até de outros estados. Como a maioria dos participantes chegava de ônibus e exibia um visual inspirado nos anos 70, com cabelos compridos, jeans velhos e bolsas de couro, boa parte da sociedade caxiense da época ficou em pânico. A cidade foi tomada por jovens, a imensa maioria estudantes, que gentilmente pediam informações sobre como chegar aos Pavilhões. Gentileza, porém, que não deixava de apavorar os moradores de Caxias.

– Com exceção da juventude, as outras pessoas da cidade não sabiam o que estava acontecendo, ficaram espantadas – diz Dal Bó.

Vera concorda:

– A cidade não entendeu nada, e teve uma reação natural para uma sociedade conservadora e preconceituosa. E se a imagem do Cio, hoje, for de um festival de drogados e vagabundos, então essa sociedade não evoluiu nada no aspecto cultural.

Pepe minimiza:

– A elite ficou apavorada, não a cidade toda. Os comerciantes, por exemplo, adoraram.

Para reforçar que eram jovens preocupados em debater a construção de um mundo melhor, Vera destaca que os participantes fizeram um mutirão de limpeza no final do evento e entregaram os pavilhões sem rastro de sujeira.

FOTOS VERA DAMIAN, ARQUIVO PESSOAL



Mutirão de limpeza foi organizado ao final

A inspiração

O nome do encontro de Caxias foi inspirado numa música composta por Milton Nascimento e Chico Buarque. Confira a letra:

O Cio da Terra

*Debulhar o trigo
Recolher cada bago do trigo
Forjar no trigo o milagre do pão
e se faltar de pão
Decepar a cana
Recolher a garapa da cana
Roubar da cana a doçura do mel,
se lambuzar de mel
Afagar a terra
Conhecer os desejos da terra
Cio da terra, propícia estação
De fecundar o chão*

Uso da cultura como protesto é uma das heranças deixadas pelo festival

Futuro

Entre os motivos para o espanto dos caxienses está o fato de a cidade não ser, na época, a mais indicada para receber um encontro daqueles. Pelotas e Porto Alegre queriam sediar o Cio e tinham mais bases culturais para tanto. Porém, por duas razões principais, Caxias acabou sendo o destino dos estudantes.

– O Movimento Estudantil estava se reestruturando depois da fase mais dura da ditadura militar e o PT passou a conquistar mais espaço, atraindo pessoas que haviam rompido com o PCB. Caxias já começava a ser um pólo de formação de lideranças desse grupo petista, e a tendência era os organizadores tentarem levar o encontro para onde tinham mais apoio – explica o cientista político João Ignácio Pires Lucas.

Além disso, conseguir os Pavilhões foi decisivo. Pepe, que era desse grupo petista, trabalhou para que o seu município fosse a sede do encontro. Ele afirma que o jornalista e escritor Flávio Tavares, na época trabalhando na Assembléia Legislativa, intermediou uma audiência de chinites com o então prefeito de Caxias, Mansueto Serafini Filho (PTB), e deu um jeito de levar o dirigente estudantil junto. Como o Estado era o maior acionista da empresa Festa da Uva, Mansueto entrou em contato com pessoas do governo e conseguiu a autorização para o uso do lugar. Foi o empurrão decisivo para o Cio subir a Serra.

Vinte e cinco anos depois, o encontro serve de inspiração para os coordenadores do Diretório Central dos Estudantes (DCE) da Universidade de Caxias do Sul (UCS). Para o diretor do Centro de Ciências Jurídicas, Marcelo Souza dos Santos, o Goiaba, 25, o Cio da Terra é um marco do movimento estudantil em Caxias.

– O Cio deixou a lição de usar a cultura como forma de contestação, não centralizar apenas nas questões políticas e econômicas. Temos feito alguns encontros, temos iniciativas seguindo o exemplo do Cio, mas hoje o contexto é outro, é difícil fazer algo igual. Existia um romantismo que não existe mais – ressalta.

Pires Lucas também aponta a cultura como uma marca do encontro e do movimento estudantil da época. Segundo ele, o PC do B tinha um jeito mais ortodoxo de tocar o movimento, enquanto esse grupo emergente do PT apontava formas mais alternativas, usando a cultura. Para Goiaba, essa é uma forma de protesto a ser usada:

– Precisamos apostar nisso. Hoje, Caxias tem o título de Capital Brasileira da Cultura, mas a cultura que existe não reflete o que gostaríamos que fosse.

Declaração com a qual Vera concorda. Mas ela vai além:

– Naqueles três dias do Cio, Caxias foi, naturalmente, a Capital Brasileira da Cultura. Não precisava de título, tinha cultura de fato.

paula.valduga@jornalpioneiro.com.br

As comemorações

O Bar Zarabatana, localizado no Centro de Cultura Dr. Henrique Ordovás Filho, vai promover e sediar as comemorações pelos 25 anos do Cio da Terra. A partir das 20h do dia 31 de outubro, será aberta a exposição de 45 quadros emprestados pelo Museu Municipal e outras imagens relativas ao evento. Para essa noite, está prevista ainda a exibição de um filme feito durante o Cio e o show de Nelson

Coelho de Castro, um dos músicos que tocaram no encontro. A abertura será das bandas Multiverso e cucastortas. Um grupo que está fazendo um documentário sobre o festival também estará no Zarabatana colhendo depoimentos. A exposição ficará no bar até 10 de novembro e poderá ser visitada de segunda a sexta, das 9h às 22h, e sábados e domingos, das 15h às 22h. A entrada é franca.